

Capítulo Um

VENTO LESTE

Se querem saber onde fica a Rua das Cerejeiras, só têm de perguntar ao Polícia na esquina. Ele irá puxar o capacete para um lado, coçar a cabeça pensativamente, e depois irá apontar com o dedo enorme, enfiado na luva branca, e dizer: «Viras à direita, depois à esquerda, depois de novo à direita e pronto, já lá estás. Bom dia.»

E se seguirem rigorosamente as indicações dele, podem ter a certeza de que *chegarão* lá — à Rua das Cerejeiras, com a sua fiada de moradias a um lado, em frente o parque, e no meio as cerejeiras a dançar.

Se procurarem o n.º 17 — e é muito provável que o façam, já que este livro é todo sobre essa casa —, vão encontrá-lo muito rapidamente. Para começar, é a casa mais pequena da rua. Além disso, é a única com um ar um tanto velho e que está a precisar de ser

repintada. Mas o Sr. Banks, que é o seu proprietário, disse à Sra. Banks que ela podia ter uma casa bonita, limpa e confortável, ou quatro filhos. Mas não ambas as coisas, já que ele não ganhava o suficiente para tal.

E depois de refletir um pouco sobre o assunto, a Sra. Banks concluiu que preferia ter a Jane, que era a mais velha, e o Michael, que veio a seguir, e o John e a Barbara, que eram gémeos e haviam chegado em último lugar. Assim ficou assente, e deste modo os Banks vieram morar para o n.º 17, juntamente com a Sra. Brill, para cozinhar para eles, com a Ellen, para pôr as mesas, e com o Robertson Ay para cortar a relva, polir os talheres, engraxar o calçado e, como dizia a todo o momento o Sr. Banks, «malgastar o seu tempo e o meu dinheiro».

E além destes havia, é claro, a Ama Katie, que a bem dizer nem merece entrar no livro, pois no momento de que estamos a falar ela acabara de deixar a casa.

«Sem pedir licença ou avisar sequer. E que vou eu fazer agora?», disse a Sra. Banks.

«Pôr um anúncio, querida», disse o Sr. Banks, enquanto se calçava. «Quem eu gostava que se fosse embora sem pré-aviso era o Robertson Ay, que voltou a engraxar-me só uma das botas e na outra nem lhe mexeu. Vou ter um ar bastante desequilibrado.»

«Isso», respondeu a Sra. Banks, «não tem qualquer importância. Não me disseste o que hei de fazer a respeito da Ama Katie.»

«Não creio que possas fazer alguma coisa, uma vez que ela desapareceu», respondeu o Sr. Banks. «Mas no teu lugar — quero dizer — bom, o que eu fazia era mandar pôr no *Diário da Manhã* um anúncio a dizer que a Jane, o Michael, o John e a Barbara Banks (já para não falar da respetiva mãe) desejam a melhor ama possível, pelo salário mais baixo possível, para entrada imediata ao serviço. Depois esperaria e ficaria a vê-las fazer fila diante do portão, e depois ralharia com elas por atrapalharem o trânsito e com isso me obrigarem a oferecer um xelim ao Polícia pela trabalhadeira que lhe tinham dado. Agora tenho de me ir embora. Ufa, está mais frio que no Polo Norte. De que lado sopra o vento?»

E, ao dizer isto, o Sr. Banks espetou a cabeça de fora da janela e olhou para a casa do Almirante Tonante, à esquina da rua. Esta era a casa mais imponente da rua, que muito se orgulhava dela, pois a casa tinha exatamente a forma de um navio. Tinha um mastro de bandeira no jardim e no telhado um cata-vento dourado em forma de telescópio.

«Ah!», disse o Sr. Banks, recolhendo rapidamente a cabeça. «O telescópio do Almirante indica vento leste. Foi o que eu pensei. Tenho os ossos gelados. Vou levar dois sobretudos.» E beijou distraidamente a sua esposa num dos lados do nariz, acenou um adeus aos filhos e partiu para a City.

Ora bem, a City era o sítio para onde o Sr. Banks ia todos os dias — exceto aos domingos e feriados, claro — e, enquanto lá estava, sentava-se num grande cadeirão, atrás duma grande secretária, a fazer dinheiro. Trabalhava o dia todo, a recortar centavos e xelins e meias coroas e moedas de três centavos. E trazia-as depois para casa na sua malinha preta. Às vezes dava algumas à Jane e ao Michael, para os seus mealheiros, e quando não podia dispensar nenhuma dizia: «A Banca está falida», e eles ficavam a saber que nesse dia ele não fizera muito dinheiro.

Bom, o Sr. Banks saiu, levando na mão a sua pasta preta, e a Sra. Banks foi para a sala e passou o dia inteiro a escrever cartas para os jornais, dizendo-lhes que mandassem imediatamente algumas amas e que ficava à espera; enquanto isso, no andar de cima, a Jane e o Michael espreitavam pela janela do quarto de brincar e perguntavam-se quem viria. Estavam contentes por a Ama Katie se ter ido embora, pois nunca haviam gostado dela. Era velha e gorda e cheirava a infusão de cevada. Qualquer ama, pensaram eles, seria melhor do que a Ama Katie — se é que não *muito* melhor.

Quando o dia começou a apagar-se por detrás do parque, a Sra. Brill e a Ellen subiram para lhes trazerem o jantar e darem banho aos gémeos. E depois do jantar a Jane e o Michael sentaram-se à janela para verem a chegada do pai a casa e ouvirem o vento leste

a soprar por entre os ramos despídos das cerejeiras da rua. Quanto às árvores, agitavam-se e encurvavam-se como se tivessem enlouquecido e pretendessem dançar até se desenraizarem completamente.

«Aí vem ele!», disse o Michael, apontando de repente para um vulto que esbarrara com força contra o portão. A Jane perscrutou a escuridão cada vez cerrada.

«Não é o papá», disse ela. «É outra pessoa qualquer.»

Então o vulto, sacudido e dobrado pelo vento, levantou o trinco do portão e eles perceberam que era uma mulher, que segurava o chapéu com uma das mãos e na outra trazia um saco. Então, a Jane e o Michael viram algo bastante curioso. Assim que a mulher passou o portão, o vento pareceu erguê-la no ar e atirá-la contra a porta da casa. Era como se ele a tivesse atirado primeiro contra o portão, depois tivesse esperado que ela o abrisse, e a seguir a erguesse no ar e a atirasse, com saco e tudo, contra a porta de casa. As crianças ouviram um tremendo estrondo e, quando a mulher aterrou, a casa estremeceu de cima a baixo.

«Que engraçado! Nunca tinha visto nada assim», disse o Michael.

«Vamos ver quem é!», disse a Jane. E, puxando o irmão pelo braço, atravessou o quarto de brincar e saíram juntos para o patamar das escadas. Dali tinham uma ótima vista sobre o vestíbulo.